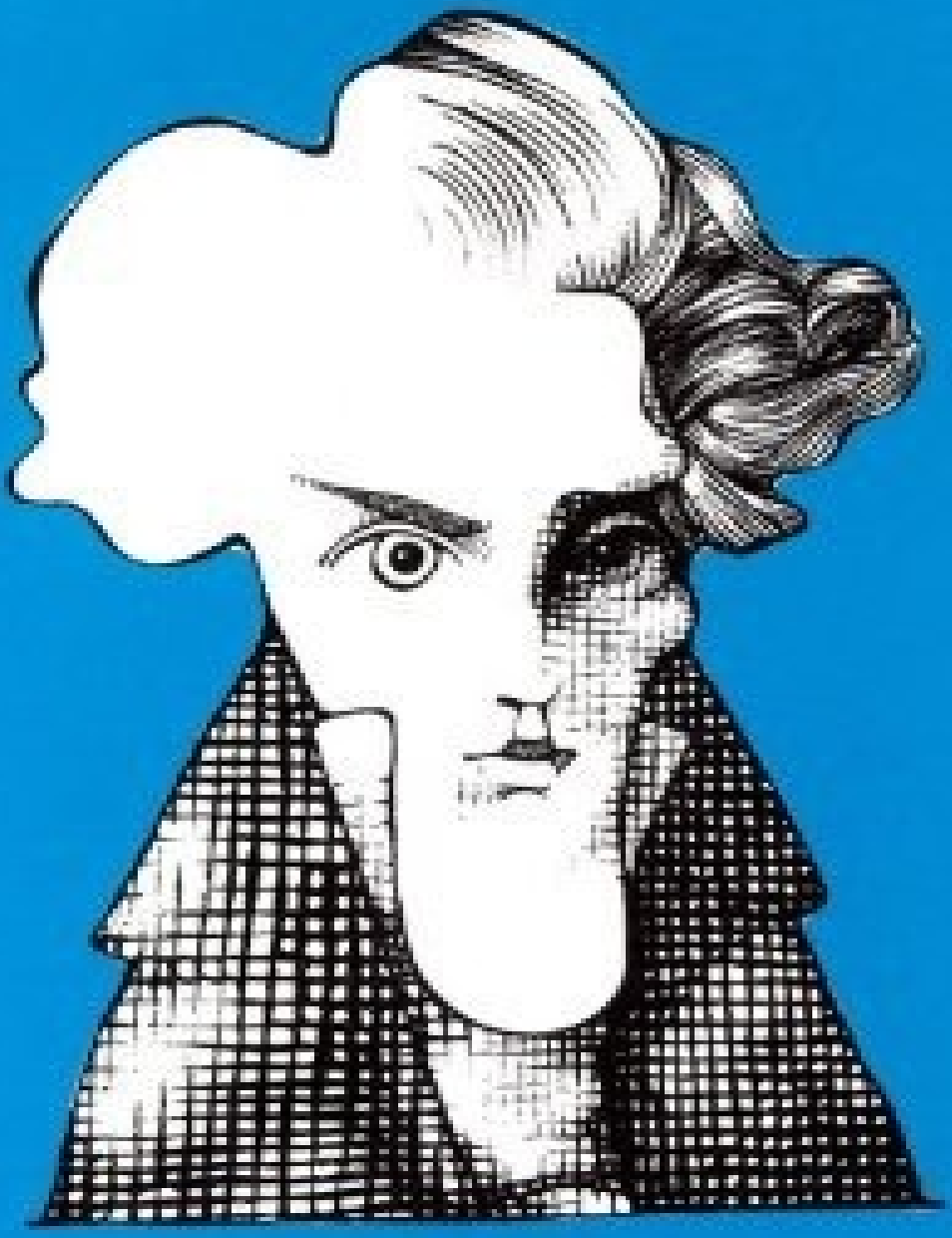
PAUL STRATHERN

KIERKEGAARD

em 90 minutos



JORGE ZAHAR EDITOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

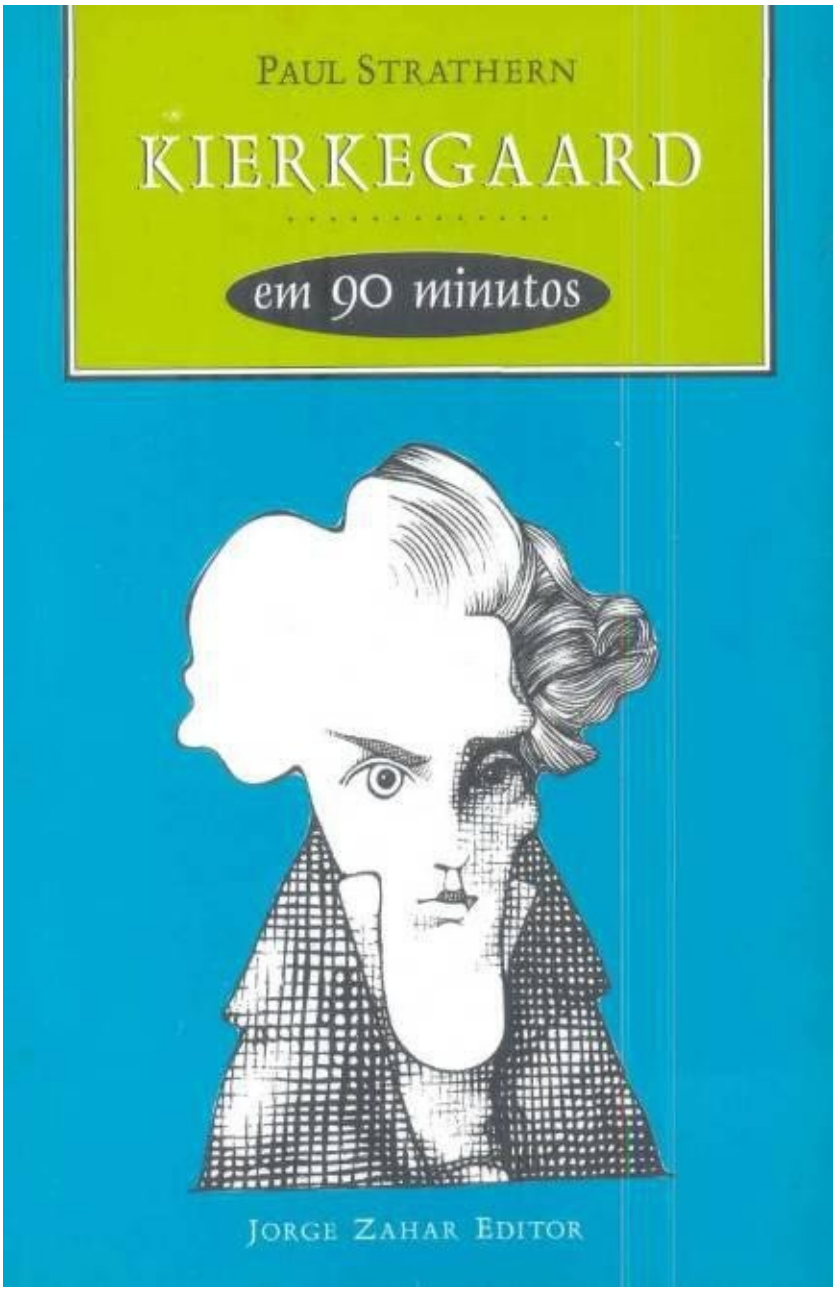
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Contra Capa:

KIERKEGAARD (1813-1855) não foi um filósofo no sentido acadêmico do termo. Mas produziu o que muita gente espera da filosofia. Não escreveu sobre o mundo, escreveu sobre a vida — sobre como

vivemos e como escolhemos viver. Seu tema foi o indivíduo e sua existência:
o "ser existente".
Na visão de Kierkegaard, essa entidade puramente subjetiva está além do alcance da razão, da lógica, dos sistemas filosóficos, da teologia ou mesmo das "pretensões da psicologia". No entanto, é a fonte de tudo isso. O ramo da filosofia criado por Kierkegaard acabaria conhecido como *existencialismo.*
Kierkegaard em 90 minutos oferece um relato conciso e

competente

da vida e das idéias do pensador

dinamarquês,

explicando sua influência na luta do homem para compreender

sua existência neste planeta. Também inclui pequenos excertos da

obra de Kierkegaard, cronologias, lista de leituras sugeridas e

índice remissivo.

Além de *Filósofos em 90 minutos,* esta editora publica a série

Cientistas em 90 minutos., ambas de autoria de Paul Strathern.

KIERKEGAARD

(1813-1855)

em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:

Marcus Penchel

Consultoria:

Danilo Marcondes

Professor-titular do

Dept° de Filosofia, PUC-Rio

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Título original:

Kierkegaard in 90 minutes

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana

publicada em 1997 por Ivan R. Dee,

de Chicago, Estados Unidos

Copyright © 1997, Paul Strathern

Copyright © 1999 da edição brasileira:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico: Ana Paula Tavares

Ilustração: Lula

CIP-Brasil Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Strathern, Paul, 1940-

S891s Kierkegaard (1813-1855) em 90 minutos / Paul

Strathern; tradução, Marcus Penchel; consultoria, Danilo

Marcondes. — Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1999

(Filósofos em 90 minutos)

Tradução de: Kierkegaard in 90 minutes

Contém cronologia

Inclui bibliografia

ISBN 85-7110-500-6

1. Kierkegaard, Soren Aabye, 1813-1855. 2.

Existencialismo. 3. Filosofia dinamarquesa. I. Título.

II. Série.

CDD 198.9

99-0337 CDU 1(489) SUMÁRIO

. . . . . .

Sobre o autor

Introdução

Vida e obra

Pósfacio

Citações-chave

Cronologia de datas significativas da filosofia

Cronologia da vida de Kierkegaard

Cronologia da época de Kierkegaard

Leitura sugerida

SOBRE O AUTOR

. . . . . .

PAUL STRATHERN foi professor

universitário

de filosofia e

matemática na Kingston University e é autor das séries “Cientistas

em 90 minutos” e “Filósofos em 90 minutos”, esta traduzida em

mais de oito países. Escreveu cinco romances (entre eles *A Season*

in Abyssinia, ganhador do Prêmio Somerset Maugham), além de

biografias e livros de história e de viagens. Foi também jornalista

free-lance, colaborando para o *Observer*, o *Daily Telegraph* e o *Irish Times*. Tem uma filha e mora em Londres.

INTRODUÇÃO

. . . . . .

Kierkegaard não foi de fato exatamente um filósofo. Pelo menos

não no sentido acadêmico. E no entanto produziu o que muitas

pessoas esperam da filosofia. Ele não escreveu sobre o mundo,

mas sobre a vida — sobre como vivemos e como escolhemos viver.

Kierkegaard filosofou sobre o que significa estar vivo. Seu

tema foi o indivíduo e a sua existência: o “ser existente”. Na visão dele, essa entidade puramente subjetiva está além do alcance da razão, da lógica, dos sistemas filosóficos, da teologia ou mesmo das “pretensões da psicologia”. No entanto, é a fonte de tudo isso.

O resultado desse pensamento foi que filósofos, teólogos e psicólogos em algum momento repudiaram Kierkegaard. O ramo da filosofia — ou antifilosofia para muitos puristas — criado por Kierkegaard viria a ser conhecido como *existencialismo.*

Levou algum tempo para o existencialismo pegar. Alguns filósofos, como Nietzsche, Husserl e Heidegger, foram

existencialistas sem saber (segundo os existencialistas). Heidegger negou-o com veemência e Nietzsche morreu antes que alguém pudesse lhe dizer isso. Na verdade, só quase um século após a morte de Kierkegaard o existencialismo vingou, com o aparecimento em Paris do filósofo francês Jean-Paul Sartre após a Segunda Guerra Mundial.

Os intelectuais parisienses estavam desesperados no pós-guerra: não havia mais nada em que acreditar. O surrealismo, que ganhara crédito intelectual ao se definir como absurdo, era agora visto como ridículo. E com a ascensão de Stalin, os intelectuais franceses achavam difícil até acreditar no comunismo (embora sem dúvida tentassem). Então surgiu o existencialismo, que não exigia que se acreditasse em nada. Na verdade, ressaltava mesmo que o desespero era parte da condição humana.

O existencialismo logo fez furor e se espalhou para além dos

cafés da Rive Gauche, até os bares de Greenwich Village e de Londres e os pontos *beatniks* de São Francisco. Também atraiu a atenção universitária nos dois lados do Atlântico. Era tanto uma filosofia de café quanto de universidade — uma mistura incomum do espúrio e do profundo. Isso revelou-se igualmente atraente para artistas, escritores, filósofos e charlatães, todos os quais deram uma contribuição para o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, o existencialismo foi um justo precursor do behaviorismo, do estruturalismo, do pós-estruturalismo e correntes semelhantes, que fariam nas décadas seguintes.

A filosofia central do existencialismo — "o problema da existência" — foi considerada um produto típico do século XX, com suas características alienação, angústia, absurdo e preocupação com temas inquietantes do gênero. Mas tudo isso

provém diretamente de Kierkegaard, nascido quase um século antes de Sartre.

Kierkegaard estava sem dúvida à frente do seu tempo. Mas também produziu um reexame, esperado desde muito, de uma das primeiras questões filosóficas a ser formulada: “O que é a existência?” Essa questão continuou naturalmente a ser formulada desde então por quase todo mundo, à exceção dos filósofos. Para eles a questão era risível, inválida ou respondida de modo tão completo por sua própria filosofia que não havia mais necessidade alguma de continuar a formulá-la. Kierkegaard, por outro lado, insistiu que todo indivíduo deveria

não apenas
formular essa pergunta como fazer da própria vida uma resposta
subjetiva
a ela. Essa ênfase
na subjetividade
é a principal
contribuição de Kierkegaard.
O problema da existência — ou do “ser” — esteve no cerne
do pensamento
de muitos
dos primeiros
filósofos. Antes que
Sócrates e Platão introduzissem um elemento de razão na filosofia
(tornando-a
assim
academicamente
respeitável),
os filósofos
preocuparam-se muito com a questão do ser. Indagavam-se sobre
o que significava estar vivo, qual era o sentido da existência. Essas
questões ingênuas são hoje objeto de riso, consideradas indignas

de estudo por filósofos sérios. Formulá-las simplesmente não faz sentido, dizem. Mas, meros mortais, continuamos teimosamente a formulá-las.

Na sua simplicidade,

alguns

até esperam

que a

filosofia

dê

uma

resposta.

Vários

filósofos

pré-socráticos,

jovialmente inconscientes da sofisticação dos filósofos do futuro, insistiram mesmo em levar essas questões a sério.

Parmênides, que viveu na colônia grega de Eléia, sul da Itália, no século V a.C, dizia que o ser era o único elemento

imutável

de todo o universo.

“Tudo é um.” Coisas como a

multiplicidade, a mudança e o movimento eram meras aparências.

Outros

filósofos

pré-socráticos

começaram

a questionar

a

diferença

entre a existência

das coisas

“reais” e as noções

abstratas ou as coisas imaginadas. O que diferenciava a minha

existência

da matemática

ou dos sonhos?

O que significava

“existir”?

Então surgiram Sócrates e Platão. “Conhece a ti mesmo” — e

não “conhece o que significa ser tu mesmo” — tornou-se a ordem

do dia. O problema do ser desapareceu então da filosofia. Essa

noção fundamental

(talvez a mais fundamental
de todas) foi
simplesmente
ignorada.
Já
para
Platão,
a existência
era
simplesmente aceita como dada, não questionava a sua natureza.
Agora, pode-se argumentar que Platão foi o espírito filosófico
mais abrangente e profundo de todos os tempos — e, no entanto,
foi capaz de desprezar o que muitos consideram a mais importante
de todas as questões da filosofia. (Newton pode ter sido o espírito
científico mais abrangente e profundo de todos os tempos, mas
isso não impediu
Einstein
de mostrar
como o seu universo
assentava
numa

falsa

suposição.)

Apesar

das

opiniões

contemporâneas

em contrário,

existe

essa.

coisa

chamada

progresso fundamental. Sabemos mais e mais acerca do mundo,

praticamente em todos os campos (exceto talvez em filosofia). Mas

no nível da existência individual — da forma como Kierkegaard

falava dela — permanecemos os mesmos. No que diz respeito ao

ser subjetivo, parece não haver tal coisa chamada progresso.

Todos sofremos

(ou gozamos)

a mesma

situação:

a condição

humana. E assim é desde tempos imemoriais.

Pegando

a

deixa

de

Platão,

os

filósofos

seguintes

continuaram a ignorar a condição humana. A existência subjetiva — possivelmente a única coisa que todos indiscutivelmente temos em comum — foi deixada à contemplação dos filosoficamente tolos. Por quase dois milênios a filosofia de Platão e seu discípulo Aristóteles reinou soberana.

Só no século XVII a filosofia voltou à base, este alicerce fundamental do qual surgira originalmente: quem sou eu e o que quero dizer quando afirmo que “existo”? O filósofo francês René Descartes declarou: *Cogito ergo sum* (“Penso, logo existo”). Tudo que há na mente e no mundo pode ser posto em dúvida, tudo pode ser uma ilusão ou uma fantasia enganosa de algum tipo — tudo, exceto o fato de que estou pensando. A noção fundamental,

a pedra absolutamente inquestionável sobre a qual toda a filosofia deveria se assentar era mais uma vez vista como sendo o eu subjetivo. Mas esse era bem o eu de um intelectual francês. Só existia enquanto *pensava.* Sentimentos, percepções e assim por diante — tudo isso era passível de ilusão. O "eu" subjetivo podia saber que existia, mas não podia saber mais nada com certeza. Era deixado nu e indefeso, exposto aos elementos enganosos: "o homem não acomodado", escreveu Shakespeare, "não passa de um pobre e desnudo animal de casco fendido".

Foi o filósofo alemão Kant quem afinal arranjou moradia adequada para abrigar essa pobre criatura indefesa. Ele construiu uma grandiosa mansão sob a forma de um sistema filosófico que a tudo abrangia, baseado na razão, que acomodava o "eu" subjetivo com majestoso esplendor. Kant foi seguido por Hegel, que ergueu um sistema abrangente ainda mais grandioso, baseado na noção de que "tudo que é racional é real e tudo que é real é racional". Mas de alguma forma tanto Kant como Hegel perderam de vista a questão original. Seus sistemas não deram

resposta

satisfatória à questão subjetiva: “O que é a existência?” Um

sistema

racional

pressupõe

um mundo

racional.

São apenas

respostas da razão a perguntas racionais. O “eu” subjetivo está

além da razão e não faz inteiramente parte do mundo. Kierkegaard

entendeu

isso. A resposta

não estava

na construção

de um

sistema perfeito que tudo explicasse. Havia um problema mais

fundamental que provocava questões como “o que é a existência” e

“qual o sentido de existir”. Foi Kierkegaard quem assumiu a tarefa

de responder a essas questões.

VIDA E OBRA

. . . . . .

Soren Aabye Kierkegaard nasceu em Copenhague em 5 de maio de 1813, mesmo ano de nascimento do bombástico compositor alemão Richard Wagner. Essas duas personagens arquetípicas do século XIX ocupam pólos opostos do espírito da época. Kierkegaard seria tudo o que Wagner não foi e vice-versa. Praticamente a única coisa que tinham

em

comum

—

aparentemente indispensável ao gênio do século XIX — era um

traço de loucura. A loucura de Kierkegaard não era um aspecto

fundamental da sua constituição psíquica (foi o filho do seu irmão

quem acabou

num asilo de loucos), mas fica assim

mesmo

evidente

em

certas

esquisitices

contumazes

de

seu

comportamento. Toda a sua vida Kierkegaard foi obsessivamente

solitário e, em conseqüência, as poucas influências que sofreu

adquiriram

uma

importância

exagerada.

De longe a maior

influência sobre o jovem Kierkegaard foi exercida pelo pai, que

exibia

proximidade

muito

maior

com

a loucura

(e que

provavelmente

seria

tido

como

louco

numa

sociedade

mediterrânea mais sofisticada).

O pai de Kierkegaard

teve grande

influência

em sua

formação. Quase tudo o que ele se tornou foi resultado direto da despótica influência paterna ou uma reação violenta a ela. Houve pouca normalidade casual no relacionamento entre pai e filho. Kierkegaard pai nasceu servo nas remotas charnecas da Jutlândia, no norte da Dinamarca. A família era propriedade do sacerdote local e trabalhava suas terras. Quase certamente se deve a isso o nome de família

— Kierkegaard

é a forma

dinamarquesa do inglês *churchyard* [adro ou pátio de igreja, usado como cemitério]. Aos dez anos, o futuro pai de Soren Kierkegaard passava os dias no campo, fosse qual fosse o clima, pastoreando ovelhas. Segundo um de seus filhos, “ele sentia fome e frio ou, então, ficava exposto aos raios ardentes do sol, abandonado com os animais, sozinho e desamparado”. Era muito religioso, mas não podia entender como Deus deixava que sofresse tanto. Um dia, levado ao desespero, pôs-se de pé numa rocha sobre a encosta desnuda e solenemente amaldiçoou a Deus.

Quase de imediato, as coisas deram uma guinada para

melhor.

Um tio de Copenhague
mandou
buscá-lo
e lhe deu
emprego na sua loja de artigos de lã. O futuro pai de Kierkegaard
revelou-se excelente vendedor, trilhando estradas e caminhos sob
sol, chuva ou neve para vender meias e pulôveres aos camponeses
e aldeões. Por fim juntou dinheiro suficiente para se casar e
montar
um lar. Quando
o tio morreu,
herdou
um negócio
próspero. Continuou a desenvolvê-lo até tornar-se um dos mais
ricos comerciantes de Copenhague, por fim recebendo até mesmo
a realeza à sua mesa de jantar. As cinco casas que possuía
resistiram ao bombardeio britânico de 1803, que arrasaram vastas
áreas
da
cidade.
Dez anos

depois,
quando
a economia
dinamarquesa sofreu uma estrondosa bancarrota, Kierkegaard pai
foi um dos poucos a sair incólume, tendo investido sua fortuna em
títulos de toda confiança.
Mas já o homem que havia amaldiçoado a Deus sentia fundo
contra si a maldição. Sua primeira mulher morrera e ele havia se
casado com a criada. Dos sete filhos, só dois sobreviveram. Então
a segunda mulher também morreu.
Soren Kierkegaard era o caçula, nascido quando o pai já
tinha 56 anos.
Sua infância foi pontilhada regularmente por
mortes na família. Já oprimido pelo destino e obcecado pela
religião quando
Soren nasceu,
Kierkegaard
pai tornou-se
um
tirano cada vez mais depressivo. Retirou-se do comércio para uma
vida recolhida na sombria mansão da família. Logo reconheceu

S0ren como o mais inteligente dos seus rebentos, e este tornou-se o favorito do pai. Em qualquer outra família essa poderia ter sido uma invejável posição, mas não na dos Kierkegaard.

Aos sete anos, Soren aprendia com o pai lógica à maneira deste. As declarações do menino eram submetidas a um exame perverso e ele era forçado a defender cada afirmação que fazia. O relaxamento vinha sob a forma de longas viagens ao exterior, que tinham lugar nos limites do gabinete do pai. O jovem Kierkegaard ouvia enquanto o pai penosamente descrevia as maravilhas arquitetônicas e culturais de lugares longínquos como Dresde, Paris e Florença. Depois, o jovem Soren era encorajado a fazer uma “grande viagem” pela saía, forçado a descrever em detalhe as vistas que descortinava — tais como a encosta ensolarada do Fiesole sobre as cúpulas e torres de Florença (cada

uma das quais tinha de ser nomeada e descrita).

O resultado desse abuso contra a criança foi que o já

inteligente

Kierkegaard

filho

desenvolveu

uma

mente

extremamente lógica e uma soberba imaginação (embora um tanto

seca). Como muitos escritores modernos de guias de viagem, o pai

de Kierkegaard nunca vira efetivamente os longínquos recantos

românticos

que

descrevia.

Suas

viagens

foram

realizadas

inteiramente através dos livros — mas, apesar disso, não lhes

faltavam

detalhes

autênticos

e vigorosos.

Na sua

filosofia,

Kierkegaard mostraria mais tarde uma estranha habilidade para

imaginar situações (sobretudo bíblicas e psicológicas) que havia

experimentado

apenas

metaforicamente.

Essa

capacidade

decorreu diretamente do acompanhamento do pai nas viagens ao

redor do quarto.

Num nível mais profundo, Kierkegaard pai parece ter querido

assoberbar a cabeça do filho e impor-lhe sua própria visão do

mundo com antolhos. Pais

dominadores sempre gostaram de

infligir

aos filhos

os objetivos

que

alcançaram
(ou, mais
comumente, os que não conseguiram alcançar), mas o pai de
Kierkegaard era diferente. Ele sentia-se compelido a fazer isso,
mas não tinha mais objetivos. Via-se amaldiçoado e chafurdava
num desespero total. Era esse desespero forçado que queria,
consciente ou inconscientemente, impor ao filho. Nos seus diários,
Kierkegaard pai contaria mais tarde de maneira penetrante a
história de um homem que olhava o filho certo dia e lhe disse:
“Pobre criança,
você vive em silencioso
desespero.”
Pareceria
tratar-se de um episódio autobiográfico (ou possivelmente um
refrão corriqueiro).
Não era de surpreender que Kierkegaard fosse aluno um
tanto estranho
na escola.
Vestia-se
com roupas
antiquadas,

abotoadas até o pescoço, e comportava-se de modo antiquado. Seus professores o descreviam como “um velhinho”. Não se destacava nos trabalhos escolares, embora com certeza estivesse numa categoria intelectual diferente da dos colegas. O pai o instruíra a não chamar atenção para sua inteligência: devia colocar-se em terceiro lugar na classe. O jovem Soren seguia obedientemente as instruções. (Isso deve ter exigido ainda mais talento: qualquer gênio que desabrocha pode ficar em primeiro.) Quando Kierkegaard cresceu, ficou claro que sua aparência esquisita devia-se não apenas a suas roupas antiquadas. Seu corpo era anguloso, espigado, e parecia ter sofrido uma doença da espinha que lhe dava uma ligeira corcunda. Nunca integrado na turma, o estranho Kierkegaard inevitavelmente atraía a zombaria dos colegas mais turbulentos. Logo aprendeu a defender-se com

um espírito sarcástico. Começou então a usar *esse* sarcasmo agressivamente, provocando outros rapazes com seus comentários e atraindo suas bravatas. Esse traço de comportamento iria se manifestar de forma recorrente por toda a vida de Kierkegaard. Como muitos introvertidos zelosos, Kierkegaard gostava de se achar o centro das atenções. Estava certamente acostumado a ser o centro das atenções do pai, e a ardente intensidade de sua vida interior significava que ele era inclusive o centro de sua própria atenção. Provocar os outros, mesmo que sofresse com isso, reforçava a ilusão de que o mundo girava ao seu redor. Esse complexo de mártir tornar-se-ia um importante fator da sua constituição psicológica.

Depois de deixar a escola, Kierkegaard matriculou-se na Universidade de Copenhague para estudar teologia. Parece ter sido aí um estudante surpreendentemente normal.

Rapidamente
identificado por sua vasta erudição e humor irritadiço, fez figura
nos
círculos
estudantis
da provinciana
Copenhague.
Logo
desprezava o estudo de teologia em prol da filosofia. Interessou-se por Hegel, cujas idéias espalhavam-se feito praga por toda a Alemanha (e atingiam então proporções epidêmicas em várias nações filosoficamente menos importantes). A profunda seriedade de Hegel e sua visão austera e espiritualizada do mundo tocaram Kierkegaard. De acordo com o abrangente sistema hegeliano, o mundo desenvolvia-se num processo dialético triádico. Uma tese inicial gerava uma antítese, que eram então ambas enfeixadas numa síntese (que por sua vez era vista como uma nova tese e assim por diante). Seu exemplo clássico:
Tese — o Ser (ou a existência). Antítese — o Nada (ou o não-ser, a não existência). Síntese — o Devir (o vir-a-ser).
Por meio dessa

dialética,
tudo se movia rumo a uma
autoconsciência maior e por fim para o Espírito Absoluto, que incluía tudo à medida que se contemplava a si mesmo. Esse Espírito Absoluto, que a tudo abarca, incluía até mesmo a religião, vista como um estágio anterior da filosofia última (isto é, a de Hegel). O apelo dessa filosofia para o introvertido Kierkegaard é óbvio — não menos
nos seus aspectos
edipiano,
religioso e
narcisístico.
Embora
cheio de admiração
por Hegel, a relação
de
Kierkegaard com o filósofo alemão foi convenientemente dialética desde o início. Ele o amava e odiava, acabando por criar uma filosofia anti-hegeliana banhada em conceitos hegelianos — não sendo o de menor importância sua própria versão da dialética. Porém o mais importante é que desde o início Kierkegaard teve

dúvidas sobre o Espírito Absoluto e seu autoconhecimento. Para ele, o autoconhecimento tinha que ser alcançado no nível subjetivo. Insistia que para os indivíduos o subjetivo tinha que ser mais importante que qualquer Espírito Absoluto. O reino subjetivo era nossa maior preocupação. Alguns comentadores engenhosos detectaram nisso tudo ecos inconscientes do relacionamento de Kierkegaard com o pai. E com certeza o jovem elemento subjetivo logo se veria em oposição ao Espírito Absoluto do pai.

Por essa época o relacionamento de Kierkegaard com o pai sofreu uma mudança radical. Passando adiante a maldição da família, Kierkegaard pai parece ter feito uma série de confissões ao filho sensível e impressionável. Contou como amaldiçoou a Deus muitos anos antes, numa colina da Jutlândia. Kierkegaard teria ouvido essa revelação com horror, logo em seguida mergulhando numa vida dissoluta de bebedeiras na universidade.

Alguns comentadores sagazes sugeriram que há aqui mais do que se pode enxergar à superfície. Nessa altura, Kierkegaard provavelmente

buscava
uma
desculpa
para
se libertar
da
influência autoritária do pai. Também parece certo que a pia confissão do velho incluiu mais do que meros assuntos teológicos. Ele pode bem ter confessado que cometeu fornicação — dormindo com a empregada (a futura segunda esposa, mãe de Kierkegaard) quando a primeira mulher jazia no leito de morte. Isso ajudaria também a explicar a dramática — ou dramatizada — mudança de comportamento de Kierkegaard (que não era tão dissoluto quanto gostaria que acreditássemos). Mas também se sugeriu que as confissões do pai continham algo mais sério que uma blasfêmia pueril e uma culpa pesada por pecadilhos. Na opinião do crítico Ronald Grimsley, abertas referências nos diários de Kierkegaard indicam que o pai visitou um bordel e contraiu sífilis, que pode mesmo ter sido passada ao filho. O comportamento subseqüente de Kierkegaard
certamente

não desautoriza
essa apavorante
possibilidade.
Como parte de sua campanha de comportamento dissoluto
(que incluía pecados hediondos como beber em cafés de modo
desordeiro
e percorrer
a rua
principal
fumando
charuto),
Kierkegaard visitou um bordel. Como é mais freqüentemente o
caso do que a maioria gostaria de admitir, essa iniciação foi um
fiasco. Mais tarde nessa noite Kierkegaard rabiscou de forma
incoerente
no diário: “Meu Deus, meu Deus...
(por que me
abandonastes?)
... Aquela
risadinha
bestial...”

In extremis,

Kierkegaard identificou-se com as palavras de Cristo na cruz.

Embora houvesse tentado escapar à religião, ela continuava sendo

uma referência espiritual.

Essa seria a única relação sexual de Kierkegaard durante

toda a vida. Observações posteriores no diário indicam que foi

mais do que uma humilhação comum. Escreve que lhe foram

“negadas as qualidades físicas exigidas para fazer [dele] um ser

humano completo”. Em outras passagens refere-se com freqüência

a um “espinho

na carne” e em certo ponto menciona

uma

“desproporção

entre

[sua] alma e [seu] corpo”. Só podemos

adivinhar os detalhes precisos de sua miséria pessoal, que parece

ter incluído a impotência sexual.

Alguns alegaram

que tudo isso imobilizou

Kierkegaard,

tornando toda a sua vida e obra um “caso especial”. Nada poderia

estar mais longe da verdade. Muito mais plausível é o argumento de que sua miséria pessoal funcionou como um tormento constante, um aguilhão que aumentava o seu sofrimento ao ponto de torná-lo *mais* intensamente humano. Paradoxalmente, serviu para afastá-lo da vida e, em outro nível, para mergulhá-lo mais intensamente nela. Sua contínua miséria tornou-o ainda mais consciente das futilidades e das profundas implicações da condição humana.

Na primavera de 1836 Kierkegaard sofreu uma crise de desespero. Foi esmagado por uma visão do seu mundo interior, que viu extremamente corrompido pelo cinismo. O sarcástico fumante de charutos que divertia

os amigos mascarava

um

abismo interior. Começou seriamente a pensar no suicídio.

Em 19 de maio de 1838, Kierkegaard teve uma experiência espiritual a que se referiu no diário como “o grande terremoto”: “Só agora... encontrei algum alívio no pensamento de que meu pai recebeu o árduo dever de nos confortar com o consolo da religião, de ministrá-la a todos nós de modo que um mundo melhor se nos abra, ainda que percamos tudo neste...” Abria-se assim o caminho para seu retorno a Deus e uma reconciliação com o pai. E foi justo a tempo. Apenas três meses depois o pai estava morto. Da maneira como Kierkegaard o viu, o pai tinha morrido para que “se possível eu me tornasse alguma coisa”. Sua poderosa imaginação sempre o levava a mitificar os eventos que o afetavam de modo profundo. Mas dessa forma dava sentido à sua vida.

A morte do pai de Kierkegaard deixou-lhe uma considerável fortuna de mais de 20 mil coroas. (Kierkegaard calculou que isso duraria de dez a vinte anos.) Da noite para o dia tornou-se um dos jovens mais ricos e um dos melhores partidos de Copenhague.

Por quase doze anos Kierkegaard resistiu a fazer os exames universitários, sobretudo porque o pai queria que se graduasse em

teologia e se tornasse pastor — perspectiva que pouco o atraía.
Mas agora tudo isso havia mudado. Com um raciocínio dialético
caracteristicamente
perverso
(que
se
tornaria
típico
de
Kierkegaard), ele se convenceu de que, por estar agora livre da
coerção paterna e com independência financeira para não precisar
trabalhar, devia ao pai a obrigação de passar nos exames.
Durante dois anos estudou para valer, vivendo uma vida
absolutamente cristã. Nesse período conheceu uma adolescente de
boa família, Regine Olsen. Embora a garota tivesse dez anos
menos que ele, Kierkegaard afeiçoou-se profundamente a ela.
Cortejou-a na maneira formal da época, enviando-lhe livros e
lendo para ela, escoltando-a de braço dado pela Esplanada nas
tardes
de domingo.
Regine ficou deslumbrada

com seu rico
pretendente, cujo brilhantismo e graças sociais eram temperados por um toque de sedutora melancolia. A afeição de Kierkegaard era igualmente profunda mas inteiramente espiritual. Na sua inocência, Regine dificilmente percebia isso: tal comportamento era considerado
bastante
normal
na sociedade
dinamarquesa
decente. O lado físico de qualquer relacionamento vinha depois — e ai do pretendente que pensasse de outro modo. Apesar da sua ingenuidade,
logo ficou claro para Regine que ela havia se
apaixonado por um jovem nada comum.
Kierkegaard era meticuloso com os livros que lhe dava.
Insistia em discutir de forma completa as idéias neles contidas, instruindo-a sobre a maneira correta de interpretá-las. Parecia que Kierkegaard queria dominar a jovem de 17 anos de modo tão completo quanto seu pai o dominara. Mas Kierkegaard não era feito da mesma obstinação do pai. Algo nele percebia que isso era

errado, que toda a situação era um erro. Mas ainda a amava. Às vezes parava de ler para ela e Regine notava que ele chorava em silêncio. O mesmo ocorria quando, vez ou outra, ela tocava piano para ele. Como Regine observou, “Kierkegaard sofria medonhamente de melancolia” — o que se revelaria, além de tocante, tragicamente profético. Quando Kierkegaard passou nos exames universitários, ficaram noivos e ele começou sua formação para tornar-se pastor. Uma vida normal acenava para ele. Mas Kierkegaard era incapaz de uma vida

normal

— e sabia

disso.

Espiritualmente,

psicologicamente, emocionalmente, fisicamente — em quase todos os níveis uma vida assim lhe era impossível. Mas o impossível havia acontecido: ele se apaixonara. Regine tornara-se bem mais que a protegida espiritual que ele havia pretendido. Ao mesmo tempo Kierkegaard

sentia-se

atraído

por uma vida além do

normal,

uma

vida

“mais

elevada”.

Mas ainda

não

sabia

plenamente que vida era essa. Tudo o que sabia era que desejava

dedicar-se
a escrever,
à filosofia, a Deus. E por isso sentia
instintivamente que era necessário sacrificar tudo o mais.
Dois dias após ficar noivo, percebeu que tinha cometido um
erro. Tentou romper o noivado da forma mais gentil possível, mas
Regine
não compreendeu.
Ele lhe devolveu
seu
anel.
Ela
continuou sem compreender. (Regine sabia que ele a amava.)
Seguiu-se uma tragicomédia, que perturbaria Kierkegaard até o
fim da vida. Durante anos ele analisaria, fantasiaria, sofrendo
desilusões e dissecando suas reações com uma honestidade de
partir o coração. Quanto mais se preocupava com o assunto, mais
profundos ficavam seus pensamentos. O que começou como uma
agonia da escolha virou por fim A Agonia da Escolha — o dilema
que enfrenta toda a humanidade. A fórmula “o que devo fazer?”
universalizou-se em “como devemos viver?”

Kierkegaard tinha agora os dois temas que iriam gerar a sua filosofia: o pai e Regine. Na provação da neurose, da obsessão e do sofrimento, o metal base da liga de suas deficiências seria transformado na essência da condição humana.

Depois que Kierkegaard finalmente rompeu o noivado com Regine, fugiu para Berlim. Ficaria um ano lá. Nesse período foi a conferências do filósofo idealista romântico Schelling, que estava decidido a libertar o pensamento alemão da enfeitiçada influência de Hegel. Essas conferências atraíram um público amplo, incluindo Bakunin (o anarquista russo), Burckhardt (o historiador que primeiro elaborou o pleno

significado

cultural

do

Renascimento) e Engels (a outra metade da famosa dupla política

com

Marx).

Como

Kierkegaard,

esses

gênios

principiantes

buscavam livrar-se da influência generalizada de Hegel. (Todos

terminaram

por

renegá-lo,

ainda

que

duradouramente

influenciados

por ele.) Mas Kierkegaard

ficou desapontado.

Schelling não percebera a questão: não havia compreendido que o sistema filosófico de Hegel e, de fato, todos os sistemas filosóficos eram agora coisa do passado.

Um sistema construído sobre princípios racionais (como qualquer sistema devia ser) só descrevia os aspectos racionais do mundo.

Kierkegaard compreendera — e experimentara plenamente — o fato de que a subjetividade *não* era racional.

Quando voltou a Copenhague, no final de 1842, levava um volumoso manuscrito intitulado *Ou isso ou aquilo: Um fragmento da vida.* A referência autobiográfica do título fica imediatamente evidente, embora tenha publicado a obra com pseudônimo (ou, mais precisamente, uma série de pseudônimos).

A história desses pseudônimos é tão complexa (e implausível) quanto um romance policial. Dizem que o próprio manuscrito foi descoberto numa gaveta secreta pelo editor Victor Eremita (cujo sobrenome provém da palavra grega antiga significando *solitário on proscrito).* Eremita estudou a caligrafia do manuscrito e chegou à conclusão de que era obra de dois autores

— um magistrado civil por nome Wilhelm (referido como B) e um jovem amigo anônimo (A). O S papéis escritos pelo juiz Wilhelm (B) contêm dois tratados (sob a forma de longas cartas) seguidos por um sermão — o qual, de acordo com Wilhelm, foi escrito por um obscuro sacerdote da Jutlândia. Entre os textos seguintes encontra-se o famoso “Diário de um sedutor”. No prefácio a esse diário, A diz que o roubou de um amigo, Johannes. Esta alegação é desmentida por Victor Eremita, que sugere que Johannes o Sedutor é provavelmente invenção de A e que a alegação de A de ser meramente o editor não passa de “um velho truque de romancista”. Mas Victor Eremita complica ainda mais a questão

ao sugerir, no prefácio à obra como um todo, que seu próprio trabalho de edição pode ser um disfarce semelhante.

Mais uma vez Kierkegaard viu-se em apuros, que de maneira bem característica transformou numa agonia da indecisão.

Colocando a coisa de modo simples, ele desejava esconder-se por trás de um pseudônimo, mas ao mesmo tempo queria deixar óbvio que *era* um pseudônimo (ou uma série de pseudônimos). Não queria expor-se como autor de material autobiográfico como o "Diário de um sedutor" (que era todo sobre seu relacionamento com Regine), mas deixa claro nesse texto que queria veladamente comunicar essa informação a Regine, de modo que ela soubesse da profunda agonia que ele sofrera. (Muitos leitores não filosóficos, atraídos por essa obra em função de seu título sensacional, podem se decepcionar. Desnecessário dizer, nenhuma transgressão física é descrita.)

Mas todo esse absurdo entediante e embaraçoso tinha um propósito sério. Como parte da abordagem dialética que permeava

o seu pensamento, Kierkegaard queria expor idéias sob variados pontos de vista. Nenhum ponto de vista único devia ser considerado correto ou autorizado (nem mesmo como sendo o do autor). Ao leitor cabia decidir por conta própria sobre as idéias muitas vezes conflitantes que expressava.

Para superar a aparência de didatismo, Platão acomodou suas idéias sob a forma de diálogos. Mas Kierkegaard era um solitário, e sua adoção da forma "caixa chinesa" parecia mais apropriada. No seu caso, os argumentos tinham lugar dentro de uma mente única. A base da sua filosofia era o subjetivo.

Mas o que exatamente *disse* em *Ou isso ou aquilo?*

Fundamentalmente sugeriu que há duas maneiras de viver a vida: a estética e a ética. Cada indivíduo tem oportunidade de fazer uma escolha entre as duas. Aí estão as sementes do existencialismo. Ao

fazer essa opção, o indivíduo deve aceitar inteira responsabilidade por suas ações, que caracterizarão toda a sua existência do modo mais fundamental.

Indivíduos que optam pelo ponto de vista estético vivem basicamente para si mesmos e para o seu próprio prazer. O que não precisa ser uma atitude superficial em relação à vida. Ao trabalhar para o nosso próprio prazer, quase invariavelmente trabalhamos também para o prazer dos outros, se pensarmos a longo prazo. Com efeito, poder-se-ia dizer que o cientista que altruisticamente

dedica

toda

a sua

vida à cura

de uma

enfermidade dolorosa, sacrificando com isso o prazer pessoal, doméstico e social, está também vivendo a vida estética se o faz simplesmente porque gosta da pesquisa científica. E no contexto da psicologia moderna e da sociedade liberal, é difícil ver como alguém *não* vive a vida estética. Cada um à sua maneira estranha e maravilhosa, parece que todos buscamos o prazer.

A falta de inclinação de Kierkegaard por esse ponto de vista era típica de sua época e lugar (a devota Escandinávia pré-freudiana), mas sua análise do que ele significa é sutil e profunda. Sabia do que estava falando: tinha vivido dessa forma no tempo de estudante e ainda sentia o peso da culpa pelo elemento que lhe restara disso.

Num nível básico, o indivíduo que vive a vida estética não tem o controle da sua existência. Ele vive o momento, levado pelo prazer. Sua vida pode ser contraditória, carente de estabilidade e certeza. Mesmo num nível mais calculado, a vida estética continua sendo “experimental”. Sentimos certo prazer apenas enquanto ela exerce apelo sobre nós.

A inadequação do ponto de vista estético é fundamental.

Porque ele se apóia no mundo externo. Ele “espera tudo de fora”. Dessa forma, é passivo e carente de liberdade. Apóia-se em coisas que estão, em última instância, além do controle da sua vontade — como o poder, as posses ou mesmo a amizade. É contingente, dependente do “acidental”. Não há nada “necessário” nele.

Se compreendermos essas coisas, veremos a inadequação última da existência estética. Quando um indivíduo que vive a vida estética reflete sobre sua existência, logo percebe que lhe

faltam certeza e significado. Tal percepção freqüentemente leva ao desespero.

Esse desespero pode ser reprimido ou ignorado e pode ser mesmo completamente esquecido com uma existência burguesa respeitável. Em outros casos, um indivíduo pode chegar a ver esse próprio desespero como o significado da sua vida. Perversamente vai tranqüilizá-lo de que pelo menos isso é certo. Quando nada, é algo de que não pode ser privado. Como o herói trágico, pode mesmo encontrar consolo dizendo-se que está "fadado por natureza" a esse desespero.

Dessa forma pode se orgulhar do seu "heróico" desespero e alcançar um nível de tranqüila compreensão. Mas Kierkegaard logo aponta a falha nesse "fatalismo

sedutor”.

Ao aceitá-lo

renunciamos a algo vital, algo central à própria noção da nossa existência. Renunciamos inclusive à possibilidade da liberdade. Ao aceitar que estamos “fadados”, rejeitamos a responsabilidade por nosso próprio destino individual. Não somos responsáveis por nossas vidas; somos meros joguetes nas mãos do destino. Como somos, como vivemos, não é creditado a nós, não é culpa nossa. Kierkegaard é ótimo em detectar os subterfúgios da auto-ilusão. (Ao rejeitar aquilo em que fundamentalmente acreditou no seu tempo de estudante, experimentou-os todos em si mesmo.) Sua eliminação das camadas de auto-ilusão aponta como

sair da condição estética. Podemos achar difícil concordar com sua conclusão final (que inevitavelmente era o cristianismo, numa aparência assustadoramente espiritual), mas os passos com que

nos leva ao

longo do caminho

são instigantes.

Pois, o mais

importante, ele nos leva para fora do abismo do desespero, para uma vida em que assumimos plena responsabilidade pelo que

fazemos da vida.

O desespero

que Kierkegaard

descreve

é uma condição

profunda que se tornou cada vez mais dominante em nossa época. A maneira como delineou esse desespero — a forma que adquire, as falácias psicológicas por trás das quais se esconde — foi extremamente premonitória. A solução que lhe deu foi igualmente radical. A única resposta é assumir a posse integral da própria existência e aceitar responsabilidade por ela. Esta, mais do que a mensagem

final cristã,

foi a mais influente

contribuição

de

Kierkegaard. E deveria se tornar ainda mais importante no século seguinte, à medida que o indivíduo perdia cada vez mais a fé em Deus, vendo sua própria existência ameaçada pela psicologia determinista,

afogado na “cultura

de massas”
e negado pelo
totalitarismo
ou perdido
nas
complexidades
da ciência.
A
autocriação por opção consciente muitas vezes pareceu a única alternativa ao desespero. Nas palavras de Kierkegaard, a maneira de escapar do abismo é “querer profunda e sinceramente”.
(Usei em geral
o masculino
“ele” quando
expus
os
argumentos de Kierkegaard. Mas isso não indica uma limitação desses argumentos — isto é, que se apliquem somente a metade da raça humana —, apenas uma limitação lingüística. A escolha do masculino em vez do feminino não se deve inteiramente a um preconceito machista mas visa refletir a natureza profundamente

autobiográfica da filosofia de Kierkegaard. Em quase todas as instâncias ele viveu pessoalmente os estados mentais, argumentos, angústias e desesperos que descreve.)

Isso nos leva à alternativa para a vida estética — a vida ética. Aqui a subjetividade é o “absoluto” e a principal tarefa é “fazer a opção”. O indivíduo que vive a vida ética cria a si mesmo com sua opção, e a autocriação se torna o objetivo da sua existência. Ali onde o indivíduo estético meramente aceita-se tal como é, o indivíduo ético procurar conhecer e mudar a si mesmo por escolha própria. Será guiado nisso pelo seu autoconhecimento e sua vontade — não de aceitar o que descobre, mas de tentar melhorar isso.

Aqui vemos a categórica diferença entre o estético e o ético: o primeiro preocupa-se com o mundo exterior, o último com o

mundo interior. O indivíduo ético busca conhecer a si mesmo e tenta transformar-se em algo melhor — ele busca tornar-se um "eu ideal". Não é claro por que precisamente escolheria fazer isso, a não ser que aceitemos que ao se conhecer ele está fadado a se iluminar e, assim, a pretender uma vida "mais elevada" no que diz respeito a um conjunto de padrões éticos.

O que fica claro é que o indivíduo ético não é mais contingente, inconsistente ou acidental. Ele "expressa o universal na sua vida". Ao fazê-lo, penetra o reino de categorias fundamentais como o bem e o mal, o dever e assim por diante. O argumento de Kierkegaard sobre como o indivíduo ético passa do "absoluto" da subjetividade para esse "sistema de vida universal" não é muito convincente. Ele supõe que nós automaticamente reconhecemos o ético como superior

e que por isso somos
naturalmente atraídos por ele. Como assinalei, a psicologia do
século XX questiona o primeiro; e essa última implicação envolve
a mais antiga
de todas
as falácias.
(Isto é, a de que, ao
reconhecermos algo como bom, achamos que devemos praticá-lo.)
Mas Kierkegaard torna clara o bastante sua distinção básica
entre
o estético
e o ético.
Um é "externo",
contingente,
inconsistente e autodissipante; o outro é "interior", necessário,
consistente e autocriativo. Isto é convincente, distante de uma
falha básica. Jamais podemos viver uma vida exclusivamente ética
— sempre
haverá
necessariamente
um elemento

“exterior” e
acidental em nossas vidas. Mesmo quando escolhemos o ético, um elemento estético está fadado a permanecer.
Por um processo dialético, essa própria insatisfação em relação ao ético traz agora um terceiro ponto de vista que é uma síntese dos dois opostos anteriores: o estético e o ético. A isso Kierkegaard chama religião, de que tratará na sua obra seguinte, *Temor e tremor* (escrita
sob o pseudônimo
de Johannes
de
Silentio).
Nessa obra Kierkegaard examina a noção de fé, que define como o ato subjetivo último. É um ato irracional — um “salto” para além de toda justificação possível. Nada tem a ver com a ética ou o bom comportamento. A vida ética, com sua noção de autocriação
e escolha
responsável,
é incapaz
de acomodar

plenamente o salto da fé. Essa “irracionalidade superior” está além do ético, que requer um comportamento racional. A fé liga o indivíduo a algo superior, que é a própria essência de tudo quanto é ético. De acordo com Kierkegaard, a vida ética diz respeito basicamente à religião no sentido social, mas alcançar o estado religioso requer uma “suspensão teleológica do ético”. Em outras palavras, é necessário suspender *nossos* padrões éticos de modo que possamos transcendê-los e alcançar um propósito maior.

O religioso, segundo Kierkegaard, pode ser visto como uma síntese dialética do estético e do ético. Combina a vida interior e a exterior, a certeza e a incerteza (o salto da fé estendendo-se para além de toda certeza).

Kierkegaard ilustra o estado religioso com a história bíblica de Abraão e Isaac. Para testar sua fé, Deus ordena a Abraão que mate o filho Isaac. Esse ato só pode ser visto como eticamente errado — mas a verdadeira fé (exigência do estágio religioso) envolve o propósito divino, que rejeita e suplanta toda demanda meramente ética.

Abraão se dispõe a seguir a ordem de Deus, independente da repugnância que possa sentir por semelhante ato. Nisso está levando uma vida no nível religioso, que é superior à vida ética

porque tem fé na divindade da qual o ético se origina.

Muitos,

com razão,

verão nessa

atitude

uma

perigosa

loucura.

Os

fanáticos

religiosos

em

toda

a história

se

comportaram dessa maneira. Da mesma forma, os tiranos e os

Führer obedeceram a comandos psicológicos similares. E a chave

desse

problema

é a psicologia.

A única

defesa
efetiva
de
Kierkegaard, aqui, é que está lidando com um diálogo da alma, não de um ato público. Olhem Abraão e Isaac como elementos distintos da mesma pessoa e tudo fica não apenas mais claro como até mesmo plausível. O sacrifício é necessário se desejamos alcançar algo. Esse sacrifício é geralmente irracional e pode até contradizer
nossas
noções
anteriores
de certo
e errado.
Subjetivamente, muitas vezes descobrimos nosso propósito na vida através de um salto irracional da fé que pouco ou nada tem a ver com o ético. Kierkegaard relaciona isso ao religioso. Mas é também
o modo como qualquer
pessoa
dá à sua vida um

propósito
absorvente
— ao “acreditar
em si mesma”
como
qualquer coisa, seja um artista ou um futuro primeiro-ministro ou um comediante de destaque. Como colocou Kierkegaard, “a vida de um poeta começa em conflito com toda a existência”.
Kierkegaard examina longamente a história de Abraão e Isaac e não é difícil ver por quê. Mais uma vez reflete-se aí fortemente a sua ruptura com Regine. Como vimos, isso pode ter parecido “errado” no sentido ético, mas Kierkegaard o viu como necessário ao pretender seguir a vida religiosa. Também não é difícil ver obscuros reflexos do seu relacionamento com o pai. No último instante Deus deteve a mão de Abraão, e Isaac não foi sacrificado.
Kierkegaard
fora levado
à beira
da destruição
espiritual pelo pai dominador, que então morreu para que o filho

pudesse se “tornar alguma coisa”.

Aos 30 anos de idade, Kierkegaard dedicava sua vida quase inteiramente a escrever. Não via mais os velhos colegas e levava uma existência solitária. Só saía para longas caminhadas pelas ruas de Copenhague, onde sua aparência cada vez mais excêntrica chamava a atenção. Figura magra e recurvada, usava um chapéu alto e calças apertadas com uma perna sempre mais curta que a outra. Aparentando ser mais velho do que era, já passava por um homem de meia idade. Ocasionalmente parava e conversava com criancinhas. Dava-lhes pequenos presentes e elas cautelosamente se deliciavam com o humor travesso daquele

estranho e jovem velhinho.

Nos fins de semana

Kierkegaard

alugava

um coche e

passeava pelos jardins da cidade ou ia até o campo. Permaneceu cônscio do seu status como filho de um dos comerciantes mais ricos da cidade. Mas a família Olsen tinha ficado ultrajada com o seu comportamento em relação a Regine e o resultado foi que a sociedade educada o colocou no ostracismo.

Nos domingos ia à igreja. Entre os outros membros da congregação muitas vezes via Regine. E ela o notava. Não se falavam, mas estavam bem cientes da presença um do outro. Embora a tivesse ferido gravemente (e mais ainda a ele mesmo), permanecia um laço oculto entre eles. Com todo o seu auto-exame psicológico

e

sua

honestidade,

Kierkegaard

continuava

curiosamente propenso à ilusão. Não conseguia evitar a esperança de que algum dia, de alguma forma, ele e Regine se uniriam de novo, presumivelmente em algum tipo de laço espiritual. Embora soubesse que era impossível, não podia impedir-se de desejar o impossível. A análise que fazia da relação deles continuava a ser uma preocupação constante. E isso apenas contribuía para seu autoconhecimento cada vez mais profundo. Tornou-se por demais consciente dos infindáveis subterfúgios que a mente emprega consigo mesma. O que havia começado como um fiasco extremamente pessoal da inadaptação levou-o

a ver
as
inadequações
universais
da
natureza
humana.
A própria
subjetividade era impossível, embora tivesse que ser vivida.
Enquanto isso, continuava a escrever obsessivamente. Nos
dois anos seguintes (1844-46) publicou meia dúzia de livros com
vários pseudônimos, entre eles os de Johannes Climacus (João
Alpinista), Vigilius Haufniensis (Vigia da Esterqueira), Hilarius
Encadernador
(nenhuma
hilaridade
aqui,
aliás)
e Frater
Taciternus (estranha escolha para um autor vítima de logorréia). A
essa altura, como bem havia esperado, os literatos de Copenhague

começaram a adivinhar a verdadeira identidade daquele silencioso e hilariante escalador da esterqueira.

As idéias de Kierkegaard continuaram a desenvolver-se num ritmo similar ao de sua produção literária. Sua análise da noção de existência seria crucial para o posterior desenvolvimento do existencialismo.

Para Kierkegaard, a existência era um "irracional". (Em matemática, um irracional é uma quantidade que não pode ser expressa em números ordinários, como pi.) Para ele, a existência era o que restava depois que tudo o mais era analisado. Estava simplesmente "aí". (Kierkegaard comparava-a a uma rã que se descobre no fundo da caneca de cerveja depois que se termina de beber a cerveja.)

Mas

quando
examinamos
nossa
própria
existência,
descobrimos que é mais do que simplesmente estar “aí”. Ela precisa ser vivida. Tem que ser transformada em ação por meio do “pensamento subjetivo”. Esse é o elemento essencial da nossa subjetividade, que conduz à verdade subjetiva. Aqui vemos o que Kierkegaard quer dizer quando afirma que “a subjetividade é a verdade”.

Para Kierkegaard
há dois tipos de verdade.
A verdade
objetiva, como a da história e a da ciência, está ligada ao mundo exterior. Pode ser confirmada por referência a critérios externos. Em outras palavras, a verdade objetiva depende do *que é* dito. A verdade subjetiva, por outro lado, depende de *como* se diz uma coisa.

Ao contrário
da verdade

objetiva,

a subjetiva

não tem

critérios objetivos. Kierkegaard dá o exemplo de dois homens que fazem suas orações. Um reza à “verdadeira concepção de Deus” (a cristã, para Kierkegaard), mas o faz com “espírito falso”. O outro é pagão e reza a seu ídolo primitivo, mas com uma “paixão total pelo infinito”. Para Kierkegaard

é o segundo

que possui

a maior

verdade subjetiva, pois reza “de verdade”. A noção de verdade subjetiva de Kierkegaard equivale à sinceridade, só que um pouco mais além. Envolve um apaixonado compromisso interior.

As verdades

subjetivas

são as mais importantes

para

Kierkegaard

porque

estão fundamentalmente

ligadas
à nossa
existência. Como vimos, não têm qualquer critério objetivo; ao
contrário, estão ligadas ao “irracional” que permanece quando
todos os critérios
objetivos
já foram analisados.
A verdade
subjetiva diz respeito assim ao próprio fundamento dos nossos
valores — não tanto ao fato de serem ou não “corretos”, mas à
natureza do nosso compromisso com eles.
De acordo
com essa visão, nenhuma
moralidade
pode
derivar do fato objetivo. É bem curioso que Kierkegaard se alie
aqui a um filósofo escocês do século XVIII, profundamente cético e
ateu, chamado David Hume. Segundo Hume, tudo o que podemos
saber é o que experimentamos. Daí derivamos os chamados fatos.
Mas desses fatos não é possível derivar nenhuma moralidade. Só
porque a sobriedade *é* propiciadora de um comportamento correto

não podemos por isso dizer que *devemos* permanecer sóbrios. Kierkegaard e Hume concordam que um “dever” não pode decorrer de um “ser”. (Esse procedimento, que tenta incluir a ética na filosofia, é hoje conhecido como falácia naturalista.)

Mas a crença de Kierkegaard na superioridade da verdade subjetiva (em relação à verdade objetiva) levou-o a duvidar da visão de Hume sobre a primazia do fato. Corretamente Kierkegaard percebe que mesmos os chamados fatos podem ser determinados por nossa atitude. Em considerável medida, nossos valores determinam os “fatos”. Confrontados com a mesma realidade, o cristão e aquele que busca o prazer podem ver “fatos” diferentes. (Por exemplo, diante de um bordel ou de um retiro religioso.) Dessa forma, cada indivíduo é, em certa medida, o

criador do seu próprio mundo. E cria seu mundo em função dos valores que tem.

Não é difícil ver nesse pensamento as sementes do relativismo atual, com sua rejeição de toda a noção de verdade objetiva. Kierkegaard também antecipa a fenomenologia do século XX, que vê todas as formas de consciência como “intencionais” — em outras palavras, a consciência tem sempre um propósito. Vemos o mundo do jeito que vemos em função do que pretendemos fazer com ele. Como observa Wittgenstein: “O mundo do homem feliz é diferente do mundo do infeliz”, cuja aparente banalidade adquire um caráter mais profundo quando se percebe que se trata aqui do exercício da vontade.

Como percebeu
Kierkegaard, o indivíduo vê o mundo que quer ver, o que depende dos valores que escolheu previamente, aqueles segundo os quais ele vive, *que fazem dele o que ele é.* Kierkegaard argumenta, assim, que os valores que fazem do indivíduo o que é também fazem o mundo.

O ponto de vista fenomenológico pode ser verdadeiro para o cientista que acredita na ciência, cujo mundo é diferente do mundo do historiador que acredita na história — mas tem sérios inconvenientes. O maior deles é o perigo do solipsismo — o ponto de vista de que só eu existo, de que o mundo está todo aqui para mim. Como diria Kierkegaard, só eu sou responsável pelo meu mundo (isto é, o mundo que habito). Isso foi levado aos seus extremos
lógicos no século XX pelo existencialista
Jean-Paul
Sartre. Quando servia no exército francês em 1940, achou que devia aceitar toda a guerra mundial como responsabilidade sua. Esse sublime egoísmo (façanha possível somente a um verdadeiro intelectual) pode ser um tônico moral, mas dificilmente leva a uma visão de mundo que tenha alguma utilidade.

Esse, porém, era exatamente o tipo de tônico moral que Kierkegaard buscava. Seu objetivo era tornar a existência o mais intensa possível. Só dessa forma a vemos tal corno é, pelo que é, e o que *pode* ser.

A existência é um risco colossal. Jamais podemos saber se a maneira de viver que escolhemos é a correta. Qualquer um que perceba isso *plenamente,* que tenha uma consciência constante disso, está fadado a se angustiar, segundo Kierkegaard. Essas verdades subjetivas, que não se apóiam em nenhuma evidência objetiva, baseiam-se em nada. Literalmente. Assim passamos a conhecer o nada da existência, a incerteza última que jaz no coração da existência. A vida é fundamentalmente tateante e ilusória.

Mesmo a própria consciência é uma contradição. Trata-se de uma interseção do ato e da potência, do ponto de encontro do que é e do que não é. (Como também colocou Kierkegaard, “a vida é entendida em retrospecto mas vivida para adiante”.) A consciência está assim em oposição consigo mesma: é uma “duplicidade”. Como notou Kierkegaard, as palavras *duplo* e *dúvida* têm a mesma raiz. (Vêm de “duo”, com a dúvida significando duas possibilidades.) A própria consciência é uma forma de dúvida. Isso

questiona o próprio Descartes, o filósofo que duvidou de tudo mas acabou descobrindo que não podia duvidar que estava duvidando, isto é, que estava antes de mais nada pensando. Mas Kierkegaard mostrou que a consciência (ou o pensamento consciente), longe de ser segura, é ela mesma uma forma de dúvida. Por quê? Porque na consciência duvidamos da própria existência.

Mas será que se trata, no caso, de uma cobra que engole o próprio rabo? Aqui estamos de fato em terreno ilusório, com os poucos conceitos que temos ficando ainda mais escorregadios. Por exemplo: tudo bem dizer que mesmo a consciência está sujeita à dúvida, mas será que algo que não existe pode fazer alguma coisa, quanto mais duvidar de si mesmo? Os defensores de Kierkegaard argumentam que ele não diz que a consciência não existe, apenas duvida

de sua existência.

Esse é um ponto crucial.

O que

Kierkegaard diz é que é possível “duvidar da consciência aos pouquinhos”. Mais uma vez revertendo ao ceticismo de Hume, ele viu que é possível questionar a continuidade da consciência. Não *experimentamos* essa continuidade entre um momento e outro.

Tudo o que experimentamos é o momento, o presente.
A consciência é, portanto, extremamente precária. Assim que
nos conscientizamos
disso, a existência
torna-se
ainda
mais
arriscada. O que fica mais enfatizado quando temos em mente que podemos morrer a qualquer momento (fato que aprendemos com a experiência e também com a percepção da falta de continuidade da consciência). Simultaneamente deveríamos estar cientes da completa liberdade que temos a cada momento. Podemos escolher *qualquer coisa* — podemos transformar completamente nossas vidas. A cada momento
somos confrontados
com a suprema
liberdade. Essa é a verdadeira situação que enfrentamos. Como resultado, quando temos plena consciência da realidade da nossa situação, sentimos “pavor”, angústia.
Kierkegaard escreveu um livro inteiro sobre *O conceito de angústia*, uma das mais importantes obras de psicologia pré-

freudianas. Nela Kierkegaard distingue dois tipos diferentes de medo ou angústia. Primeiro, o medo que sentimos quando somos ameaçados por algo exterior (por exemplo, um leão que ruge). O segundo tipo de medo resulta de uma experiência interior — a confrontação com as ilimitadas possibilidades de nossa própria liberdade. Quando nos tornamos conscientes dessa liberdade, percebemos sua enormidade e sua irracionalidade. (Como assinala Kierkegaard, é impossível provar que temos liberdade, porque essa prova envolveria
a necessidade
lógica, que é o oposto
da
liberdade.)

A liberdade nada tem a ver com a filosofia. É uma questão psicológica, que depende de nossa atitude ou estado mental. Nosso estado mental nos faz compreender nossa liberdade. E percebemos nossa liberdade em toda a sua extensão quando experimentamos o estado mental chamado medo. Nesse sentido, o indivíduo não existe em absoluto como “ser”, existe apenas num estado de constante “vir-a-ser”. O medo que isso provoca é o terror que mora no coração de toda normalidade. Percebê-lo plenamente

mergulha a pessoa na loucura. Segundo Kierkegaard, a única maneira de escapar disso é dar o salto igualmente irracional da fé. O indivíduo é “salvo” assim dessa loucura e desintegração ligando sua interioridade subjetiva a Deus. (Outros podem preferir fugir dessa situação com a “crença” na ilusão da realidade cotidiana, onde essa desconcertante liberdade é estranhamente disfarçada pelas demandas da normalidade.)

Mas será que a consciência da nossa liberdade essencial é de fato suficiente para despertar em nós essa terrível sensação de pânico?

Ou apenas

gênios como Kierkegaard

ou Kafka são

capazes de perambular por aí num estado constante de angústia com as possibilidades de sua própria existência? Talvez. Mas nós, os medíocres — a maioria saudável —, também podemos sentir esse pavor. Andando por uma trilha num rochedo sentimos medo de cair e a vertigem do abismo. Mas parte dessa sensação deve-se também a um curioso impulso que parece ao mesmo tempo nos atrair para a beirada e nos repelir. Segundo Kierkegaard, isso se deve à consciência de que poderíamos nos jogar dali — o medo

dessa liberdade que está ao nosso alcance. Aí também sentimos

pânico,

angústia:

a loucura

e o terror

que

subjazem

à

normalidade.

Em 1844 Kierkegaard concluiu *O conceito de angústia* e

também

um livrinho

intitulado

Migalhas

filosóficas.

A este

acrescentou

extenso

Pós-escrito

conclusivo

não

científico:

Composição mímico-patético-dialética, uma contribuição existencial

(sob o pseudônimo de Johannes Climacus mas “publicado por S. Kierkegaard”).

Aí aparece

pela

primeira

vez

a

palavra

existencialista

— na sua forma dinamarquesa

Existensforhold

(“condição de existência, relação existencial”). Kierkegaard a essa altura já tinha escrito mais de um milhão de palavras em cinco anos e não era de espantai que se sentisse perdido sobre o que dizer.

Assim, mantendo a sua filosofia, ele decidiu agir — criar a si mesmo fazendo uma opção importante. Sua decisão de agir foi caracteristicamente perversa. Algumas de suas obras publicadas sob pseudônimo receberam críticas razoavelmente favoráveis na

revista *Corsair.* Era a folha satírica e escandalosa de Copenhague, famosa pelos ataques e vitupérios contra personalidades locais.

Kierkegaard
optou
então
por instigar
a *Corsair* a atacá-lo,
publicando uma carta maldosa contra a revista (“é um insulto ser elogiado em tal publicação”) e revelando a identidade dos seus editores anônimos (o que fez um deles perder a oportunidade de um cargo no magistério).

O resultado era previsível. Por vários meses, todas as edições de *Corsair* trouxeram ataques a Kierkegaard e seus pseudônimos. Sua aparência foi caricaturada, suas roupas ridicularizadas e suas idéias viraram motivo de zombaria. Antes, Kierkegaard era notado
como uma figura estranha,
um escritor
e intelectual
talentoso que fora “acometido de religião” e se tornara um recluso depois

de um amor infeliz. Nas ruas
era visto como uma
curiosidade, mas pouca atenção despertava em geral. Agora tudo isso mudara. Em função da série de artigos e desenhos na *Corsair,* o homenzinho magro, curvado e envelhecido, com seu andar de caranguejo, suas calças com pernas de tamanho desigual e seu grande guarda-chuva, tornou-se objeto da chacota pública. Nas ruas, crianças e rapazolas passavam correndo por ele, fazendo zombarias. Lojistas e membros respeitáveis da sociedade riam abertamente quando ele passava.
Kierkegaard
era
uma
personalidade
sensível
e seus
sofrimentos com esse tratamento podem ser imaginados. Mas a questão é que ele mesmo atraíra tudo isso. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. (“Aluga-se a *Corsair* para abusar, assim como se aluga um tocador de realejo para fazer música.”) Então por que ele o fez? Como seria de esperar

em se tratando
de uma
personalidade tão complexa, a resposta não é nada simples. Não há dúvida de que era uma manifestação do mesmo complexo de mártir que o levara a espicaçar os colegas mais velhos na escola. Não há dúvida também de que o desprezo público por sua obra tinha algo a ver com isso. Kierkegaard tinha agora 33 anos de idade e ainda mal era conhecido como escritor. Assim, se não podia ser famoso, ficaria notório.
Por trás dessa
dubiedade
e egoísmo,
Kierkegaard
tinha
também
um propósito
mais
sério
e sincero
(embora
não

desprovido de egoísmo e dubiedade). Queria ser ultrajado pelos concidadãos para se tornar um homem melhor. Usava-os para tornar-se um cristão melhor. Se queria viver a vida do espírito, a única que valia a pena, essa era uma maneira de se estimular. (Se suas aspirações menores de antes foram em parte inconscientes, essa certamente não o era.) E naturalmente havia uma razão subjacente a todas elas. Nas palavras do único contemporâneo de Kierkegaard
que a ele se compara
como pensador
religioso
(Pascal), “o coração tem razões que a própria razão desconhece”. A razão que se escondia no coração de Kierkegaard era Regine. Ele desejava chamar sua atenção, mostrar-lhe como estava sofrendo. Mas se sua intenção era cativar Regine, ele evidentemente fracassou. Nessa época ela ficou noiva de outro homem e um ano depois se casava. Isso feriu profundamente Kierkegaard, embora não o demonstrasse.
O que deixava
ver era o prematuro
envelhecimento

em suas feições encarquilhadas.

Os anos de sofrimento intenso, ascetismo, isolamento e constante esforço mental começavam a cobrar seu tributo. Mas, apesar de todo o seu discernimento cada vez mais profundo da condição humana, ainda apegava-se à sua impossível ilusão, sonhando que um dia se uniria de alguma forma a Regine. (Aos domingos ainda se viam na igreja.)

Em abril de 1848 Kierkegaard teve uma experiência religiosa. “Toda a minha natureza mudou”, escreveu no diário. Percebeu que apenas seu amor por Deus poderia protegê-lo da preocupação excessiva consigo mesmo. Daí em diante passaria a escrever diretamente a palavra de Deus, não mais se escondendo por trás de pseudônimos. Fez isso numa outra série de livros, meia dúzia de obras nos três anos seguintes.

A visão religiosa

de Kierkegaard
é totalmente
louca,
adequada apenas a santos e misantropos dedicados. Na sua
opinião, “toda a existência humana opõe-se a Deus”. No centro da
religião
de Kierkegaard
(como também
no coração
da sua
psicologia) está a noção da Queda — a perda da graça do Jardim
do Éden pela humanidade.
Essa queda
foi o egoísmo,
cuja
principal manifestação era o sexo. Como sempre, tudo culpa das
mulheres, que ganham com a experiência imagem bem negativa.
“As mulheres são o egoísmo personificado... Toda a história do
homem e da mulher é uma enorme intriga construída sutilmente
ou um truque calculado para destruir o homem como espírito.” A
única resposta é o celibato — *em escala universal.* A vontade de

Deus só será cumprida quando toda a raça humana se extinguir.

Espantosamente,

no

meio

de

todo

esse

disparates

hilariantes,

Kierkegaard

continuou

a produzir

pensamentos

valiosos.

Mais uma

vez lançou-se

contra

sua *ovelha negra*

filosófica, Hegel, com uma devastadora crítica visando demonstrar

a fraude

do hegelianismo

e a patética

inadequação

de sua

pretensão de explicar a existência. Kierkegaard insistia que era impossível compreender a existência intelectualmente, com a mera construção de um vasto sistema ao seu redor. Assim que se identificava a existência com o pensamento racional, não havia mais lugar para a fé.

Em *Enfermidade mortal,* Kierkegaard analisa o desespero,

que vê como o fracasso

da "vontade

de ser o eu

que se é

realmente". E um terreno perigoso. Na verdade, a afirmação de Kierkegaard aqui contradiz sua alegação anterior de que o eu não existe como ser mas como vir-a-ser. Pressupõe um "eu que se é realmente". Kierkegaard camufla essa questão falando adiante do "eu que se é potencialmente".

Mas cada indivíduo

tem um

"verdadeiro eu" ou mesmo um único "eu potencial" particular?

Essa é uma questão fundamental. Há uma categórica diferença entre usar as várias potencialidades da pessoa (que podem ser contraditórias ou mesmo mutuamente exclusivas) e visar um hipotético “eu verdadeiro”. A maioria dos indivíduos é confrontada desde o início com uma variedade de opções de vida, cada uma das quais pode incluí-lo como “fiei a si mesmo” — isto é, atualizando algumas ou muitas das suas potencialidades. Não é possível cumprir *todas* as potencialidades do indivíduo. (Albert Schweitzer era um músico de padrão profissional mas preferiu dedicar suas energias ao trabalho missionário. Qual era o seu “verdadeiro eu”?) Como acontece com muitos que nos encorajam a “sermos nós mesmos”, há um propósito oculto aqui se *esse* “eu verdadeiro” já está determinado.

E se não está precisamente determinado? Com certeza é ainda possível falar em “descobrir” nosso verdadeiro eu? Não; a descoberta envolve algo que já está lá, ainda que desconhecido. O melhor argumento contra

a

“autodescoberta”

foi

usado

anteriormente pelo próprio Kierkegaard. Ele falou em utilizar a opção para *criar* o próprio eu. Essa é a verdadeira liberdade (produtora de *Angst),* na qual ele insiste em outra parte.

Mas voltando ao desespero. Para Kierkegaard, o desespero inconsciente ocorre quando um indivíduo se identifica com algo exterior a ele. Isso pode ser fútil (querer ser o próximo Einstein) ou o pináculo da ambição (casar com Madonna). Nos dois casos, o indivíduo fica à mercê do destino: outra pessoa se torna Einstein ou sua proposta é cruelmente recusada. Por não alcançar seu eu ambicioso, o indivíduo não consegue suportar-se. O resultado é um vazio interior, acompanhado de uma vontade inconsciente de morrer.

O desespero consciente tem noção de si mesmo. Isso ocorre de duas maneiras. A falsa noção de desespero consciente se dá quando um indivíduo sabe que se desespera mas imagina que tal não acontece com os outros. (“Ninguém sabe como me sinto.”) Isso o leva a um desespero

ainda maior. A verdadeira
noção de
desespero consciente percebe que o desespero é na verdade parte
da condição
humana
e, como tal, parte
de todo ser. Esse
verdadeiro desespero é, portanto, consciente de pertencer a um
eu. A única maneira de um indivíduo escapar ao desespero é
“optar pelo seu próprio eu” e dar o salto da fé. Aqui Kierkegaard
revela seu propósito oculto: o único “eu verdadeiro” é o crente.
Kierkegaard continuou a escrever furiosamente até passar
dos 40. Estava mais velho do que era na verdade e o dinheiro
começava
a faltar.
Precisava
arranjar
trabalho,
mas
havia
possivelmente apenas um ofício ao seu alcance: o de pastor.

Embora sob certos aspectos parecesse aceitar esse estado de coisas, algo nele definitivamente repelia tal perspectiva. Por princípio se recusava a ganhar a vida com religião e sua idéia do cristianismo não era partilhada pela Igreja da Dinamarca. (Era implausível uma Igreja que aceitasse pastores casados pregarem o celibato universal.)

Kierkegaard decidiu que era hora de expor a charada do cristianismo tal como era pregada pela Igreja da Dinamarca. Apesar da escassez de recursos, lançou uma revista intitulada *O Momento* (editor e único colaborador: S. Kierkegaard). Nela atacava a Igreja como "uma máquina", castigando um dos seus amados bispos como um hipócrita mundano. (Para piorar as coisas, era também hegeliano.) Numa edição chegou

a sugerir
que se
descobrissem
que Cristo
não
existiu,
a Igreja
continuaria
exatamente como antes e poucos pastores renunciariam a suas
vidas de conforto.
Como era de esperar, isso causou grande escândalo. Não
havia
agora
nenhuma
chance
de Kierkegaard
perder
sua
liberdade: um emprego de pastor estava fora de questão. Sob
vários aspectos, foi a repetição do incidente com a *Corsair.* Mais
uma vez Kierkegaard alcançava a fama e atraía a atenção geral

(seus artigos logo foram traduzidos em sueco e a controvérsia se espalhou pela Escandinávia). O mundo lhe dava o que ele achava (consciente ou inconscientemente) que lhe era devido. Mas era a fama da única maneira que Kierkegaard podia aceitar — notoriedade e execração. Ao mesmo tempo, não é difícil ver aqui um eco do jovem Kierkegaard pai amaldiçoando a Deus numa colina da Jutlândia. E, claro, o episódio trouxe-o novamente à atenção de Regine.

O marido de Regine fora recentemente nomeado governador das Índias Ocidentais dinamarquesas (três ilhotas caribenhas). Kierkegaard quase certamente soube disso; até que ponto esse fato desencadeou o lançamento de *O Momento* é algo que só se pode especular. Em abril de 1855, na manhã em que zarpava para as Antilhas, Regine deu um jeito de encontrar Kierkegaard na rua. Parou então e lhe disse calmamente: “Deus o abençoe. Que as

coisas saiam bem para você.” Kierkegaard ergueu
o chapéu,
“trocando
saudações
gentilmente”,
e cada um seguiu
o seu
caminho. Foi a primeira vez que se falaram depois de rompido o noivado, quatorze anos antes. E seria a última vez em que poriam os olhos um no outro.

Uma fraqueza crescente, combinada com o estresse da sua
campanha
contra
a Igreja, logo cobrou
tributo
à saúde
de
Kierkegaard. Sete meses depois da partida de Regine para as Índias Ocidentais, ele sofreu um colapso na rua e foi levado para o hospital.

Usou o que restava

do seu dinheiro
para pagar a
impressão
do número
seguinte
de *O Momento.*
Fraco e em
desespero (estado cuja topografia conhecia tão detalhadamente),
perdeu a vontade de viver. Mas nunca perdeu a fé. Os que o viam
reparavam o olhar radiante que dava vida a seu rosto emaciado e
o seu ar de serenidade. Morreu em um mês, em 11 de novembro
de 1855. Deixou em testamento seus poucos bens para Regine.
O
enterro
de
Kierkegaard
atraiu
uma
multidão
inesperadamente
grande,

com

estudantes

competindo

para

carregar o caixão. Exatamente como teria gostado, um incidente

escandaloso teve lugar no cemitério: um grupo protestou contra a

hipocrisia da Igreja, que reivindicava Kierkegaard no seu rebanho

ao sepultá-lo

em campo

santo.

Alguém leu uma passagem

insultuosa de *O Momento.* Seguiu-se um tumulto...

POSFÁCIO

. . . . . .

Kierkegaard

foi logo esquecido.

Só no começo do século XX

começou a se disseminar o interesse pela sua obra. Suas idéias

tornaram-se influentes na Alemanha, onde eram vistas como um

paralelo filosófico da emergente psicanálise freudiana.

As idéias de Kierkegaard foram desenvolvidas por Husserl,

fundador da fenomenologia, que tentou (sem sucesso) fazer da
análise
filosófica da consciência
uma ciência racional.
Como
ocorre muitas
vezes com o fracasso
filosófico, sua tentativa
revelou-se filosoficamente estimulante e frutífera. As idéias de
Kierkegaard
foram levadas
um pouco mais adiante
por um
discípulo de Husserl, o também alemão Heidegger, cuja influência
sobre o pensamento europeu do século XX continua predominante
(apesar de sua desgraça pessoal devido ao envolvimento com os
nazistas).
Muitos
referiram-se
a
essa

nova

filosofia

como

existencialismo,

e Kierkegaard

foi no geral considerado

seu

fundador.

O existencialismo

é a única tentativa

ocidental

de

filosofia irracional. Ninguém questiona o seu sucesso enquanto tal

— mas apenas, antes de mais nada, se tal coisa é possível. Ao

contrário

das filosofias

racionais,

passadas

ou presentes,

o

existencialismo é puramente subjetivo. Isso deveria dificultar a

discussão com um existencialista, mas não foi o que acabou acontecendo (os existencialistas são famosos por suas discussões uns com os outros). Como aconteceu com Kierkegaard, o ser (existência) tem precedência sobre o conhecimento (racionalidade). Essa filosofia seria desenvolvida até o zênite (ou o nadir) por Sartre, que passou grande parte da existência estudando sua existência nos cafés da Rive Gauche.

O nome *existencialismo* tem uma história curiosa. Depois de inadvertidamente inventado por Kierkegaard, foi esquecido, depois ressuscitado pelos alemães e em seguida repudiado. Tanto Husserl como Heidegger se recusavam a ser chamados de existencialistas, rejeitando o rótulo sob o pretexto de que limitava e banalizava o alcance de sua filosofia. Sartre, que não tinha

escrúpulos em que sua filosofia fosse limitada ou banal, foi o primeiro a chamar-se existencialista, no começo dos anos 40. No fim da década esse nome o tornaria mundialmente famoso e era praticamente sinônimo do seu. Sartre reconheceu que Kierkegaard desempenhou um papel no desenvolvimento inicial do existencialismo, mas insistiu em que o seu existencialismo nada tinha a ver com o do dinamarquês. Isso é bastante injusto mas bem o que Kierkegaard teria desejado.

A promiscuidade e o ateísmo de Sartre, que tiveram um importante papel na sua vida filosófica, não poderiam combinar com a filosofia de Kierkegaard.

CITAÇÕES-CHAVE

. . . . . .

A primeira coisa a entender é que você não entende. *(Diário)*

Ao nascer, fazemo-nos ao mar com ordens lacradas. *(Diário)*

Quanto mais um homem é capaz de esquecer, maior o número de transformações que sua vida pode sofrer; quanto mais é capaz de lembrar, mais divina a vida se torna. *(Diário,* 429)

Quando eu morrer, ninguém descobrirá entre os meus papéis uma observação que contenha a chave da minha vida (o que é um consolo para mim). Ninguém descobrirá palavras que expliquem tudo e que muitas vezes fazem o que o mundo consideraria uma ninharia parecer um evento de tremenda importância para mim ou algo que eu considere extremamente importante uma vez despido de seu verniz protetor. (*Diário,* 431)

O propósito da minha vida pareceria ser a expressão da verdade à medida que a descubro, mas de tal modo que fica completamente despojada de autoridade. Não tendo autoridade, sendo visto por todos como extremamente não confiável, expresso a verdade e deixo todos numa posição contraditória em que só se podem salvar tornando sua a verdade. *(Diário,* 432)

A cada passo adiante, a filosofia desprende uma pele e cada pele passa então a ser habitada por parasitas inúteis. *(Diário)*

Se Hegel tivesse completado a sua lógica e depois dissesse no

prefácio que toda a coisa não passava de uma experiência do pensamento, mesmo que houvesse feito uma série de suposições injustificadas, teria sido definitivamente o maior pensador de todos os tempos. Tal como é, não passa de uma piada. *(Diário)*

Quando examinamos a questão da verdade de maneira objetiva, nosso pensamento dirige-se objetivamente para a verdade e esta é considerada como um objeto ao qual se relaciona o pensador. No entanto, *nosso* pensamento não se concentra na relação mas, ao contrário, em saber se *é* a verdade à qual o pensador se relaciona. Se o objeto ao qual se relaciona é a verdade, supõe-se que ele conhece a verdade. Quando consideramos a verdade de maneira subjetiva,

nosso pensamento

se concentra

subjetivamente

na

natureza da nossa relação (isto é, não naquilo a que se relaciona). Se essa relação mesma é verdadeira, subjetivamente conhecemos a verdade, mesmo que o objeto efetivo dessa relação não seja verdadeiro. *(Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas)*

A subjetividade, a interioridade, é a verdade — essa *é* a minha tese. *(Pós-escrito conclusivo não científico)*

A filosofia *está* bem certa quando afirma que a vida deve ser entendida em retrospecto. Mas nos esquecemos do outro princípio, de que deve ser vivida para adiante. Quando analisamos este último princípio, inevitavelmente chegamos à conclusão de que a vida no tempo jamais pode ser adequadamente entendida — porque nenhum momento que se vive pode adquirir a completa quietude necessária para essa orientação retrospectiva. *(Afonsinas selecionados)*

O cômico é sempre a marca da maturidade. Mas é vital que alguma nova emoção esteja pronta para brotar por baixo e que a mera força da comédia não sufoque esse *pathos* crescente.

Deveria, ao contrário, servir para indicar que um novo *pathos* está

começando. *(Pós-escrito conclusivo não científico)*

Humanidade

Todos esses seres humanos excepcionais, tão poucos e espalhados pelos séculos com tamanha distância entre si, fizeram cada um à sua época um juízo sobre a "humanidade". Segundo um deles, o homem é um animal. Segundo outro, é um hipócrita. Para um terceiro, um mentiroso. E assim por diante.

Talvez não erre muito o alvo se disser que ele é um tagarela — e estimulado pelo dom da fala, aliás.

Com a ajuda da fala todo mundo participa do mais alto — mas participar do mais alto com a ajuda da fala e, ao fazê-lo, dizer bobagem é zombaria igual a participar de um banquete real como espectador, das galerias.

Se eu fosse pagão, diria: uma divindade irônica conferiu à humanidade o dom da fala para se divertir observando semelhante auto-ilusão.

Claro que, de um ponto de vista cristão, Deus deu à humanidade o dom da fala por amor, assim tornando possível a todos ter uma verdadeira compreensão do mais alto — ó, com que pesar Deus deve ver o resultado! (*Diário,* 1383)

Se a ciência fosse desenvolvida no tempo de Sócrates como é hoje, os sofistas e aqueles que pretendiam ensinar filosofia teriam sido cientistas. Teriam pendurado microscópios nas portas para atrair negócios e colocado avisos anunciando: “Aprendam e vejam num poderoso microscópio como a humanidade pensa.” (E ao ler esse anúncio,
Sócrates
teria
dito: “É exatamente
assim
que se
comportam os homens que não pensam.”) (*Afonsinas selecionados)*

A fé é um absurdo.
Seu objeto é extremamente
improvável,
irracional
e para além do alcance
de qualquer
argumento...
Suponhamos
que

alguém

decida

que

quer

adquirir

fé.

Acompanhemos essa comédia. Ele quer ter fé, mas ao mesmo tempo também quer ter a certeza de que está dando o passo certo — então empreende um exame objetivo da probabilidade de estar certo. E o que acontece?

Por meio desse exame

objetivo da

probabilidade,

o absurdo

torna-se

algo diferente:

torna-se

provável,

cada

vez mais

provável,

extremamente

provável,

absolutamente

provável.

Agora essa pessoa

está pronta

para

acreditar e diz a si mesma que não acredita da mesma maneira

que os homens comuns, como sapateiros ou alfaiates, mas apenas

depois de ter pensado toda a questão de forma adequada e

compreendido

sua

probabilidade.

Agora

está

pronta

para

acreditar. Mas vejam, nesse exato momento torna-se impossível

para ela acreditar. Algo que é quase provável, possível ou extrema

e absolutamente

provável

é algo que a pessoa

pode quase

conhecer,

praticamente

conhecer

ou bem

aproximadamente

conhecer — mas é impossível *crer.* Pois o absurdo é objeto de fé e o único objeto que pode ser crível. (*Pós-escrito conclusivo*

não

científico)

A raça humana deixou de temer a Deus. Depois disso, veio o

castigo: passou a temer a si mesma, a ansiar pelo fantasmagórico,

e agora treme diante dessa criatura de sua própria imaginação.

(Aforismas selecionados)

CRONOLOGIA DE DATAS

SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

. . . . . .

séc. VI a.C. Começo da filosofia ocidental, com Tales de Mileto.

fim do Morte de Pitágoras.

séc. VI a. C.

399 a. C. Sócrates condenado à morte em Atenas.

c.387 a. C. Em Atenas, Platão funda a Academia, a primeira universidade.

335 a. C. Aristóteles funda o Liceu ateniense, escola rival da Academia.

324 d. C. Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.

400 d. C. Sto. Agostinho escreve suas *Confissões.* A filosofia é absorvida pela teologia cristã.

410 d. C. Roma é saqueada pelos visigodos, prenúncio da Idade das Trevas.

529 d.C. Fechamento da Academia de Atenas pelo imperador Justiniano, marcando o fim do pensamento helênico.

meados do séc.XIII Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da escolástica.

1453 Queda de Bizâncio (Constantinopla), tomada pelos turcos. Fim do Império Bizantino.

1492 Colombo chega à América. Renascimento florentino, renovação do interesse pela aprendizagem do grego.

1543 Copérnico publica *Da revolução dos orbes celestes,*

provando matematicamente que a Terra gira em
torno do Sol.

1633 Galileu é forçado pela Igreja a renegar a teoria
heliocêntrica do universo.

1641 Descartes publica as *Meditações,* início da filosofia moderna.

1677 Morte de Spinoza possibilita a publicação da *Ética.*

1687 Newton publica os *Principia,* introduzindo o conceito de gravidade.

1689 Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento*
humano. Início do empirismo.

1710 Berkeley publica os *Princípios do conhecimento*
humano, levando o empirismo a novos extremos.

1716 Morte de Leibniz.

1739- Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana,*
1740 conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.

1781 Kant, despertado de seu "sono dogmático" por
Hume, publica a *Crítica da razão pura.* Início da
grande era da metafísica alemã.

1807 Hegel publica *A fenomenologia do espírito:* apogeu da metafísica alemã.

1818 Schopenhauer publica *O mundo como vontade e*
representação, introduzindo a filosofia hindu na
metafísica alemã.

1889 Nietzsche, após declarar que “Deus está morto”,

sucumbe à loucura em Turim.

1921 Wittgenstein publica o *Tractatus logico-philosophicus,* advogando a “solução final” para os problemas da

filosofia.

década de O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.

1920

1927 Heidegger publica *Ser e tempo, que prenuncia* a

separação entre a filosofia analítica e a continental.

1943 Sartre publica *O ser e o nada, desenvolvendo* o

pensamento de Heidegger e estimulando o

existencialismo.

1953 Publicação póstuma de *Investigações filosóficas,* de Wittgenstein. Período áureo da análise lingüística.

CRONOLOGIA DA VIDA

DE KIERKEGARRD

. . . . . .

1813 Nasce Soren Kierkegaard, em Copenhague.

1830 Começa a estudar teologia na Universidade de

Copenhague.

1834 Morre a mãe.

1837 Conhece Regine Olsen, então com 14 anos.

1838 Morre o pai.

1840 Fica noivo de Regine.

1841 Rompe o noivado e parte para Berlim.

1842 Publica *Ou isso ou aquilo.*

1843 Publica *Temor e tremor.*

1844 Publica *O conceito de angústia.*

1846 Envolve-se em insultuosa polêmica com a revista satírica *Corsair.* 1848 Experiência religiosa muda sua natureza e atitude quanto à divulgação da palavra de Deus.

1849 Publica *Enfermidade mortal.*

1854 Decide entrar em polêmica com a Igreja.

1855 Funda a revista *O Momento,* que preenche com seus próprios artigos contra a Igreja. Em abril, vê Regine pela última vez, antes que ela se mude para as Índias Ocidentais. Em outubro, sofre um colapso na rua e é levado para o hospital. Morre em 11 de novembro.

CRONOLOGIA DA ÉPOCA

DE KIERKEGARRD

. . . . . .

1813 Falência do Estado dinamarquês provoca *débacle*

econômica generalizada. Com suas economias investidas em títulos de confiança, o pai de Kierkegaard consegue escapar â ruína.

1813 Nasce Wagner.

1815 Batalha de Waterloo. Os britânicos consolidam seu domínio sobre toda a Índia.

1821 Faraday descobre o princípio do motor elétrico.

1825 Surge a estrada de ferro: Stephenson inaugura a primeira via, entre Stockton e Darlington.

1829 Britânicos anexam todo o subcontinente australiano.

1830 A Grécia torna-se independente do Império Otomano.

1831 Hegel morre de cólera em Berlim. Darwin zarpa no *HMS Beagle* para as ilhas Galápagos.

1832 Morre Goethe, em Weimar.

1834 Estados alemães criam união alfandegária (*Zollverein),* o que contribui para o início da Revolução Industrial na Europa.

1844 Nascimento de Nietzsche.

1845 Anexação da República do Texas pelos Estados Unidos.

1848 Onda revolucionária varre a Europa.

México cede aos Estados Unidos o atual sudoeste norte-americano (incluindo a Califórnia).

1850 O dedicado filósofo anti-hegeliano Schopenhauer alcança tardiamente a fama.

1853-56 Guerra da Criméia.

1856 Nasce Freud.

LEITURA SUGERIDA

. . . . . .

Soren Kierkegaard, *Temor e tremor,* Rio de Janeiro, Ediouro.

_____, *O conceito de ironia,* Petrópolis, Vozes.

_____, *Textos selecionados,* Rio de Janeiro, Ediouro.

Robert Bretall (org.), *A Kierkegaard Anthology,* Princeton University Press, 1973.

Patrick L. Gardiner, *Kierkegaard,* Oxford University Press, 1988.

David J. Gouwens, *Kierkegaard as Religious Thinker,* Cambridge University Press, 1996.

Bruce H. Kirmmse (org.), *Encounters with Kierkegaard,* Princeton University Press, 1996.

Roger Poole, *Kierkegaard: The Indirect Communication*, University Press of Virginia, 1993.

CIENTISTAS

em 90 minutos

. . . . . .

por Paul Strathern

Arquimedes e a alavanca em 90 minutos

Bohr e a teoria quântica em 90 minutos

Crick, Watson e o DNA em 90 minutos

Curie e a radioatividade em 90 minutos

Darwin e a evolução em 90 minutos

Einstein e a relatividade em 90 minutos

Galileu e o sistema solar em 90 minutos

Hawking e os buracos negros em 90 minutos

Newton e a gravidade em 90 minutos

Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos

Pitágoras e seu teorema em 90 minutos

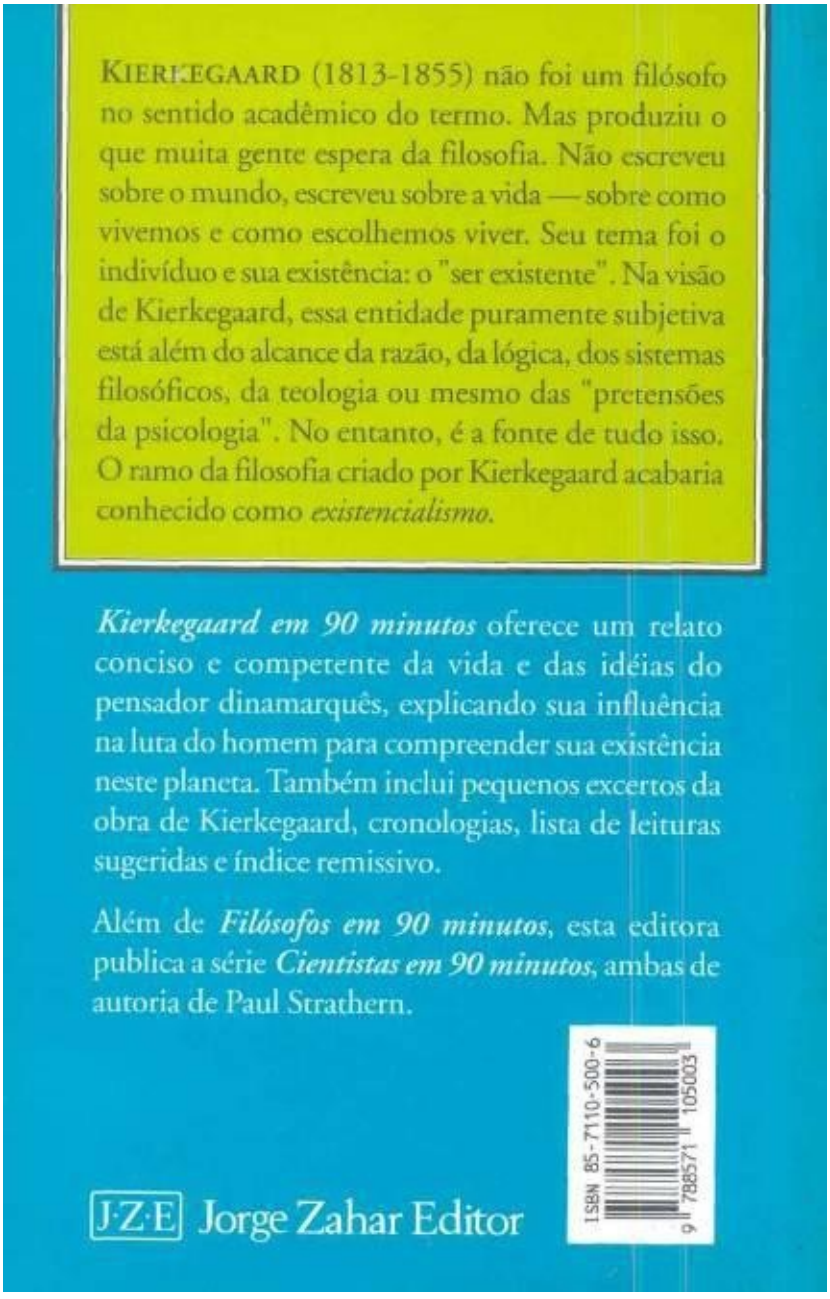
Turing e o computador em 90 minutos

Este livro foi composto pela

TopTextos Edições Gráficas,

em Agaramond, e impresso por

Cromosete Gráfica e Editora.



Document Outline

- Slide 1
- Slide 2
- Slide 3
- Slide 4
- Slide 5
- Slide 6
- Slide 7
- Slide 8
- Slide 9
- Slide 10
- Slide 11
- Slide 12
- Slide 13
- Slide 14
- Slide 15
- Slide 16
- Slide 17
- Slide 18
- Slide 19
- Slide 20
- Slide 21
- Slide 22
- Slide 23
- Slide 24
- Slide 25
- Slide 26
- Slide 27
- Slide 28
- Slide 29
- Slide 30
- Slide 31
- Slide 32
- Slide 33
- Slide 34

- Slide 35
- Slide 36
- Slide 37
- Slide 38
- Slide 39
- Slide 40
- Slide 41
- Slide 42
- Slide 43
- Slide 44
- Slide 45
- Slide 46
- Slide 47
- Slide 48
- Slide 49
- Slide 50
- Slide 51
- Slide 52
- Slide 53
- Slide 54
- Slide 55
- Slide 56
- Slide 57
- Slide 58
- Slide 59
- Slide 60
- Slide 61
- Slide 62
- Slide 63